

## O ABSURDO DA REALIDADE DE BAGDÁ NO CONTO “O ROSTO NU DENTRO DO SONHO”, DE AHMED SAADAWI

### THE ABSURDITY OF THE REALITY OF BAGHDAD IN THE SHORT STORY “THE BARE FACE INSIDE THE DREAM”, BY AHMED SAADAWI

Beatriz Negreiros Gemignani<sup>1</sup>

**Resumo:** Ahmed Saadawi é um escritor iraquiano contemporâneo comprometido a expressar por meio da arte a insanidade dos conflitos no país. Em seu romance mais conhecido, *Frankenstein em Bagdá*, de 2014, elementos sobrenaturais se mesclam à realidade da Bagdá assolada pelos conflitos pós-2003. Após a invasão estadunidense e o fim do regime ditatorial baathista, o Iraque mergulhou em violentos conflitos, agravados entre 2006 e 2008. Esse é o cenário do conto “O rosto nu dentro do sonho” de Saadawi —, de 2018, cuja tradução do árabe ao português é apresentada aqui — mas que se passa em 2007. Entre o real, o sonho e o imaginário, vivenciamos os terríveis eventos dos conflitos sectários que ocorriam em Bagdá.

**Palavras-chave:** Ahmed Saadawi; literatura iraquiana; árabe; tradução; conto.

**Abstract:** Ahmed Saadawi is a contemporary Iraqi writer committed to expressing the insanity of his country's conflicts through art. In his best-known novel, *Frankenstein in Baghdad* (2014), supernatural elements are intertwined with the reality of Baghdad ravaged by the post-2003 conflicts. After the US invasion and the end of the Baathist dictatorship, Iraq plunged into violent conflicts, which intensified between 2006 and 2008. This is the setting for Saadawi's short story “The Bare Face inside the Dream”, published in 2018, — translated in this article from Arabic to Portuguese — but set in 2007. Amongst reality, dreams and imagination, we experience the terrible sectarian conflicts in Baghdad.

**Keywords:** Ahmed Saadawi; Iraqi literature; Arabic; translation; short story.

Violência, insanidade, delírio e o absurdo da realidade. Palavras-chave para caracterizar o conto “O rosto nu dentro do sonho”<sup>2</sup>, de Ahmed Saadawi, escritor iraquiano contemporâneo. Publicado em 2018 no livro de contos homônimo, a narrativa se situa precisamente em 2007, em Bagdá. Não se trata de um lugar e de um tempo aleatórios. Com efeito, para compreendermos o conto traduzido do árabe ao português neste artigo, é essencial conhecer o cenário em que está inserido.

1 Bacharela e mestra em língua e literatura árabe pela Universidade de São Paulo. Suas áreas de interesse incluem língua e literatura árabes, tradução literária e ensino de árabe como língua estrangeira. Esta pesquisa foi realizada junto ao grupo de pesquisa Tarjama – Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna, sob supervisão da Profa. Dra. Safa Jubran. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9837-7591>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4729059480881414>. Email: [biagemignani@gmail.com](mailto:biagemignani@gmail.com).

2 Título original: *alwajh alári fi dakhil alhulm*. O conto foi traduzido ao inglês (“The Bare Face inside the Dream”) e publicado em *An Anthology of Iraqi Short Stories: An Arabic-English Reader*, de Ibrahim Haider Farhan e Bushra Juhi Jani.

Em entrevista concedida a Sousan Hammad em 2010<sup>3</sup>, Saadawi explica que ele não pode fugir ao Iraque: “*este é o lugar que conheço, e é o único lugar que importa para mim mais do que qualquer outro. Quero criar uma visão que seja honestamente construída sobre o que está acontecendo*”<sup>4</sup>.

E o que acontecia no Iraque, e em particular em Bagdá, no momento no qual o conto se situa, em 2007? Como o próprio autor diz, a violência sectária havia se intensificado nas ruas de Bagdá entre 2006 e 2008 — e justamente isso influenciou sua escrita<sup>5</sup>. À época, o autor era jornalista para a BBC, mas admitiu que a matéria jornalística não podia capturar a profundidade das experiências que ele vivenciava, apenas a ficção poderia fazer isso.

A crítica literária iraquiana distingue as produções contemporâneas dos períodos pré e pós-2003, ano da invasão dos Estados Unidos no Iraque e da queda da ditadura de Saddam Hussein. O fim do regime ditatorial baathista implica o afrouxamento da censura, ao mesmo tempo em que a ocupação estadunidense desencadeou um caos generalizado no país, que mergulhara numa guerra sanguinária. O conflito interno sectário se caracterizou por um alto nível de violência, sobretudo entre 2006 e 2008. Apesar de a literatura iraquiana pós-2003 ser caracterizada pela expressão da violência vivenciada no país, Jemima Alves (2023: 76) defende que os romances de guerra anteriores — sujeitos à censura do regime baathista — também seriam caracterizados pela violência, uma violência protagonizada pelo silêncio.

O romance mais conhecido de Ahmed Saadawi, *Frankenstein em Bagdá*<sup>6</sup> (2013), cuja narrativa se situa em 2005, também é inspirado pelos eventos violentos de Bagdá, narrando atentados suicidas, tiroteios e ruas repletas de cadáveres. No romance, sobrepõe-se o sobrenatural: um revendedor de velharias recolhe membros de vítimas de bombardeios pela cidade, criando um corpo que será um justiceiro, Chesmeh<sup>7</sup> — o Frankenstein de Bagdá.

É característico da literatura iraquiana pós-2003 ter um pé no realismo e apresentar elementos fantásticos. Como explica Farah Al-Shamali, as “*obras de ficção ambientadas em uma Bagdá que afundou em uma realidade distópica não têm para onde ir para manifestar*

---

3 A entrevista está publicada em <https://beirut39.blogspot.com/2010/03/no-one-remembers-conversation-with.html> (Acesso em: 26/12/2024)

4 No original: “This is the place that I know, and it is the one place that primarily matters to me more than any other. I want to create a vision that is honestly constructed about what is going on.”

5 <https://lithub.com/ahmed-saadawi-wants-to-tell-a-new-story-about-the-war-in-iraq/> (Acesso em: 26/12/2024)

6 Título original: *Frankistain fi Baghdad*. O autor ganhou o Prêmio Internacional de Ficção Árabe de 2014 pela obra. Apesar de ainda não ter sido traduzida ao português, Jemima de Souza Alves traduziu alguns trechos em sua tese de doutorado (2023). A tradutora também é responsável pela única tradução de Ahmed Saadawi ao português até o momento, o conto “Sabor de remorso” publicado na antologia *Bagdá Noir* (Tabla, 2023).

7 A tradução do nome a partir do dialeto iraquiano seria “Qual o seu nome?”.

*as crueldades da guerra, a não ser para o fantástico*”<sup>8</sup> (2023: 23). Este também será o caso do conto “O rosto nu dentro do sonho”, em que Saadawi narra diversos eventos violentos dos conflitos sectários no país com o pano de fundo do sonho. Contudo, o limiar entre o sonho e a realidade se faz cada vez mais tênue no conto, assim como a fronteira entre o estado de sanidade e delírio do narrador.

A incorporação do absurdo na realidade do mundo retratado nos permite fazer um paralelo entre o conto de Saadawi e os contos de Murilo Rubião. É comum que os contos do autor brasileiro possuam personagens angustiadas, ironicamente representadas, que sofrem um fim trágico (Davi Arrigucci, 1987: 141). No mundo insólito de Murilo Rubião, a ação dramática não se preocupa em romper com a verossimilhança realista, não distingue o que é real do que é fantástico. Trata-se de um recurso que ao naturalizar o extraordinário torna-o mais evidente no conto para o leitor, que se procurar explicá-lo pode terminar apenas frustrado. Isso soa como algo revelador, pois não há explicação, aparecendo como um mistério da obra. É uma dificuldade, no fundo, de compreender a realidade.

Similarmente, a insanidade da violência vivenciada em Bagdá em 2007 também provoca uma dificuldade de compreender a realidade, refletida no conto “O rosto nu dentro do sonho”. O fantástico de Rubião e de Saadawi não é mero ficcional, mas representa um simbolismo para se fazer uma crítica social. No Iraque, vivia-se uma guerra complexa, de todos contra todos. O conto culmina com o narrador vendo a si mesmo como o próprio inimigo, assim como o Frankenstein de Bagdá, com o corpo feito de partes inimigas. Terminar as histórias no clímax também é característico de Murilo Rubião; esse recurso, que dá força ao fantástico, soa como revelador porque não há uma explicação, apenas aparece no enredo como um mistério.

A tradução do conto de Ahmed Saadawi do árabe ao português, apresentada a seguir, procurou manter o ritmo original, com a expressão de angústia do narrador-personagem. O desafio da tradução — para além das costumeiras dificuldades tradutológicas do árabe, tais como: expressões típicas, uso excessivo de sinônimos e vocábulos regionais — consistiu em replicar a fluidez da narrativa, que se repete e se desenvolve.

### O ROSTO NU DENTRO DO SONHO<sup>9</sup>

#### 1

Passam-se horas pesadas e longas durante o sono como se fossem uma eternidade, repletas de detalhes, antes de eu arfar e abrir os olhos na cama. Já é meio-dia. É assim toda vez que luto com a fase crítica de transição para recuperar o senso de realidade com as

---

8 No original: “fictional works set in a Baghdad that has sunk to a dystopian reality have nowhere to go to manifest the cruelties of war but towards the fantastical”.

9 Traduzido do árabe por Beatriz Negreiros Gemignani e revisado por Maria Carolina Gonçalves.

coisas ao meu redor. A pia com a torneira que não vira facilmente. A água que infiltra no teto do banheiro. A necessidade que tenho há um mês de sapatos novos, mas fico procrastinando para comprá-los. Minha absoluta falta de vontade de comer qualquer coisa e, apesar disso, minha sensação terrível de fome. O sabor estranho do chá em casa. Minha necessidade de fazer a barba a cada dez horas porque ela cresce rapidamente. Depois, descobri algo estranho: quando passo por sonhos pesados, minha barba cresce ainda mais rápido. Minhas feições mudam um pouco, minha careca aumenta. Passam-se anos para meu corpo, vividos dentro do sonho, que deixam seu efeito. Apesar disso, durante o dia, as pessoas me contradizem, com toda a estupidez, ao garantirem que nada disso aconteceu. Pois você continua o mesmo, do jeito que estava ontem. Nada em você mudou, exceto que está mais inquieto e perturbado, e menos alegre que antes.

Ontem à noite eu estava completamente exausto por causa do sono acumulado há semanas. Voltei tarde para casa, sem ter encontrado meus amigos para beber como tinham me convidado, pois não queria andar com a cabeça girando, o que me levaria a pegar no sono rapidamente — antes de mais nada, eu fujo do sono. Mas quem consegue lutar contra o corpo até o fim? Bastou apenas um pequeno empurrão de minha esposa apreensiva para eu ir para a cama e cair num sono profundo.

Dormi e mergulhei rapidamente nas camadas profundas do sono, mas não foi um sono comum, como já lhes contei. Foi entrar na minha sina verdadeira. Meu Deus! Retornei a essa mesma história que me acompanhou por mais de um mês, apesar de alguns detalhes mudarem a cada vez, como se ela se desenvolvesse e avançasse para um objetivo que eu desconhecia.

Eu estava, dentro do sonho, numa sala ampla e bem iluminada. Nós nos preparávamos para enviar as matérias para a prensa. Alguns de nós estavam em pé atrás dos ilustradores, e outros esperavam uma última resposta das agências. Do lado de fora, estava frio, mas por causa do fumo excessivo de todos os redatores e designers e até do ajudante que ficou até tarde conosco naquela noite, era necessário abrir algumas janelas. O editor-chefe foi embora mais cedo. E nós ficamos — sete jovens e o ajudante bengali — fumando e rindo, comentando algumas notícias e acontecimentos, tomados pela satisfação de termos feito um bom trabalho. O número do dia seguinte do jornal seria especial, porque havíamos conduzido um debate com uma personalidade influente e tínhamos relatórios que havíamos escrito com base em informações exclusivas investigadas. Além de outras coisas que pareciam bonitas e interessantes.

Era o inverno de 2007. Como meus cigarros haviam acabado, pedi para o ajudante bengali sair para me comprar um maço da lojinha no mercado próximo, na entrada do beco. O ajudante saiu e deixou aberta a porta de entrada do prédio do jornal, que não passava de uma casa grande no bairro Karada.

Sabíamos sobre as ameaças de grupos armados contra alguns jornais pequenos que não desfrutavam de proteção, mas não havíamos recebido nenhuma ameaça ainda, e não sabíamos o que exatamente esses jornais haviam feito, qual erro haviam cometido. Porém, agíamos com liberdade, tratávamos de tudo criticamente, acreditando que esse era nosso direito de exercer a liberdade e nosso dever moral perante a verdade e o direito das pessoas à informação. Nós nos iludíamos com essas ideias apesar de o nosso jornal seguir uma facção política influente que participava dos conflitos atuais no país, às vezes com todas as repercussões chocantes. Não havíamos notado que nós, com nossa presença nua e exposta, estávamos tolamente propensos à condição de bode expiatório para esses conflitos violentos por interesses e influências. Eram conflitos que não respondiam a nenhuma regra de ação honrosa e justa.

Estávamos em pé na sala principal da redação, quando entraram homens armados vestindo roupas de civis. A aparência deles não era sinistra. Poderiam ser redatores de um jornal como o nosso, se tirássemos o pequeno detalhe das metralhadoras que carregavam. Eles nos conduziram para fora, sem muitas palavras, e deixaram a porta do jornal aberta. Empurraram-nos para que andássemos rápido fora do prédio até os carros 4x4 com vidros escuros, parados no meio da rua lateral sombria. Amarraram nossas mãos nos carros pretos e subiram ao nosso lado, partindo depressa. Ergui a cabeça para olhar para as portas e janelas das casas, quem sabe alguém estaria ali e testemunharia o ocorrido. Depois, notei o ajudante bengali segurando o maço de cigarros que eu lhe havia pedido, em pé e perplexo com a visão dos carros passando ao lado dele. Com certeza, sua perplexidade passaria a terror quando ele encontrasse a sala da redação vazia.

Não passou muito tempo até que entramos na rua principal. Esperávamos que alguém visse que estávamos sendo sequestrados. Vimos uma viatura policial parada ao longe, mas nenhum de nós teve coragem de chamá-la. Seria possível ouvir a nossa voz se gritássemos?! Tudo na rua estava normal e o outro lado da calçada estava movimentado. Através das janelas, a vida continuava em seu ritmo normal. Carrinhos vendendo sopa de grão-de-bico *lablabi* e nabo doce cozido. Vendedores ambulantes de cigarro nas calçadas. Lojas abertas e fortemente iluminadas. Restaurantes, rondas policiais. Em seguida, passamos por um controle militar e eu esperei que a mão do soldado sinalizando para os carros que passavam parasse. Esperei que ele notasse nosso amontoamento suspeito, mas a mão dele continuou fazendo sinal para que os carros não parassem. Então, notei uma escolta de veículos 4x4 pretos avançando na direção oposta. Aparentemente seria de uma grande autoridade, e o soldado tentava abrir caminho para ela.

Após menos de uma hora, chegamos a uma região rural nas imediações de Bagdá. Eles nos fizeram descer dos carros e nos conduziram entre árvores e bosques, onde tropeçávamos, andando desnorteados, até que chegamos a um lugar que parecia bem escuro. Eles abarrotaram a nós sete em uma fossa funda e seca. Nós nos ajoelhamos e ficamos um

atrás do outro, enfileirados. A noite era um breu, sem nenhuma iluminação nem sons distintos. A única coisa da qual me lembro era o cheiro, cheiro de relva pútrida. Um de nós — infelizmente não me lembro do nome dele — continuou, sem desespero, a emitir súplicas diante dos homens armados para entender o que acontecia. Ele tentava chegar a um entendimento com eles, até mesmo suborná-los, mas eles não proferiram uma palavra. Nem mesmo sobre a possibilidade de terem pegado o grupo errado. Eram como robôs executando uma missão automática. Não eram pessoas como nós, e eu me arrependi de tê-los comparado — devido à sua aparência familiar — a um grupo de redatores de um jornal. Não havia nenhum lampejo de esperança de que essa noite terminasse de um modo surpreendente, mágico e estranho, fora do esperado. Não era uma história de cinema. Não éramos heróis, e ninguém se salvou.

Caímos de cabeça no lodo dentro da fossa funda, como resultado de tiros rápidos atrás da cabeça. Morremos, e os homens armados logo partiram. Reinou um silêncio completo. Eu fiquei, apesar de morto, cheirando a relva pútrida que impregnava devagar o meu nariz.

O que de fato havia acontecido? Por que eu não parecia morto? Essa era uma pergunta nova que se acrescentava às diversas outras perguntas sobre as quais eu refletia durante minha vida e tentava chegar a respostas satisfatórias, em vão.

Seria um plano do destino ou de Deus? Não consigo afirmar nada. Eu costumo ter muitas perguntas e muito poucas respostas definitivas, e nunca na vida conversei sobre essa minha opinião com os outros, nem mostrei nada sobre minhas convicções. Mas, em geral, e apesar de tudo, tenho consciência da força do segredo e da incerteza nesta vida. Há um segredo oculto que não conseguimos alcançar, mas ele dá sentido a todas as coisas. Eu tenho com certeza alguma relação com esse segredo misterioso e oculto, que seria a rede de meus instintos interligados que me empurra em direção oposta a qualquer sensação niilista que toma conta de mim. Meus instintos entendem algo que eu nunca entenderei. E talvez eles estejam em sintonia com o “segredo oculto” desta vida, talvez sejam sua mão carinhosa que dá tapinhas no meu ombro e que me puxa para trás com força quando atravesso a rua descuidado ao passar um carro veloz. Contudo, por que não fez nada por mim aqui e agora? Por que esse segredo oculto me traiu e me deixou morrer de forma estúpida com uma bala atrás da cabeça, o rosto sujo de lodo preto, com meus seis companheiros dos quais eu não sei mais os nomes e as feições?

Eu podia sentir a bala no meu crânio, ou imaginei essa sensação. Foi o último *flash* de luz no meu sonho terrível antes de eu acordar sem fôlego, como se eu tivesse conseguido subir à superfície da água me salvando de um afogamento certo. Acordei às duas da tarde. Fiquei imóvel na cama por alguns momentos, depois desabei a chorar, e desejei que nenhum de meus filhos entrasse e me visse naquele estado. Fiquei chorando por meia hora; mordi a ponta do cobertor e chorei por mim mesmo longamente. Como se fosse todo o



terror que não senti durante o sequestro e todos os sentimentos de privação e perda da vida, multiplicando-se a esperança, o desejo e o sentimento de injustiça e traição da vida comigo. Logo antes de os homens armados atirarem em nós na fossa funda, todos esses sentimentos conflitantes e contraditórios num espaço pequeno irromperam no meu peito enquanto eu mordida o cobertor, cobrindo o rosto com ele e chorando em agonia. Choro a minha alma que partiu sem ninguém chorar por ela. Minha primeira alma. E talvez este seja um dos propósitos do “segredo oculto” com o meu retorno a esta vida: que eu faça um funeral para o meu “eu” do sonho e meus seis companheiros.

### 2

Minha esposa me disse que era uma história com alguns detalhes diferentes, mas foi isso o que de fato aconteceu comigo. Tratava-se de algo terrível e doloroso por si mesmo. Mas o mais penoso e mais duro é você retornar uma vez atrás da outra para reviver os próprios detalhes.

“Deus me concedeu uma segunda vida.”

Eu disse, como se delirando, ao que minha esposa respondeu:

“Sim, com certeza, e agora levante e se lave enquanto eu te trago o almoço, ou você quer o café da manhã? Já faz horas que deu meio-dia.”

Díálogos desse tipo com minha esposa foram frequentes durante as últimas semanas. Mas tenho dúvidas se queremos dizer as mesmas coisas. Deus me concedeu uma segunda chance na vida, sem que eu saiba qual era exatamente o propósito disso. Se eu pudesse enfrentar esse “segredo oculto” para entender o sentido do que aconteceu comigo, eu ficaria aliviado e sairia de casa para procurar trabalho novamente, dando um fim ao período de convalescença que eu dividia entre ficar à toa, sentar em casa para ler e assistir televisão, e a tentativa de fugir do sono, dentro do possível, pois lá, por trás das fronteiras do sono, o segredo oculto fazia seu truque para me levar de volta às cenas terríveis que eu tentava esquecer.

Eventualmente, fiquei mais equilibrado e entendi que era apenas um sonho. Meu delírio amenizou, e passei a estar consciente de meu mundo real, separando-o do que acontecia comigo no mundo dos sonhos. Apesar da forte impressão dos detalhes desses sonhos, eu me comprometi a me adaptar a eles e perceber que eram apenas sonhos.

Minha esposa disse, no que parecia uma síntese sábia, que eu deveria me render a esses sonhos completamente, e não resistir-lhes. Eles seriam como um fluido tóxico retido na minha cabeça, que eu deveria deixar fluir, por meio dos sonhos, até minha cabeça se livrar deles no fim, independentemente de quanto tempo levasse, pois não havia alternativa.

Ela me disse isso no contexto de minhas consultas com psicólogos, visitas a mausoléus sagrados, leituras e invocações a Deus, e de fazer qualquer coisa que pudesse influenciar

a máquina dos sonhos na minha cabeça para mudar seu curso ou o tipo de matéria que ela produzia, para que seu efeito fosse mais leve. Experimentei até mesmo embriagar-me por diversas noites. Bebi além da minha capacidade e dormi com o estômago pesado e o humor ruim. A máquina do sonho, apesar de tudo, trabalhava com a mesma eficiência produzindo as mesmas matérias terríveis. Em vão, tentei conviver com esse estado, seguindo o conselho de minha esposa. Depois de tudo, eu fico sob a influência do sonho por horas após acordar, e minha consciência fica em outro mundo, que não existe. Mesmo quando admito comigo mesmo que o que aconteceu foi apenas um sonho perturbador, permaneço sob a influência emotiva dos acontecimentos chocantes que vivenciei e fico de mau humor por um longo tempo. Esse estado consome a maior parte das horas de meu dia, o que me deixa indisposto para fazer qualquer coisa.

Passam-se alguns dias sem sonhos, e eu quase recupero o ritmo de minha vida normal. Então, o sonho vem como um choque, cheio de detalhes realistas que devastam tudo. Às vezes, os sonhos se seguem um após o outro durante dois ou três dias, e eu quase enlouqueço com eles.

Eu estava num ônibus Kia que se dirigia à cidade de Karbala, e a estrada principal estava interditada por causa, segundo disseram, de confrontos com grupos armados. O motorista foi obrigado a passar entre os pomares por uma estradinha estreita onde só cabia um carro. Olhei para trás e não havia nenhum carro nos seguindo, nem parecia haver nada adiante além de um túnel formado pelas copas das árvores. Passado pouco tempo, apareceu um grupo de homens com o rosto coberto vindos de toda direção e apontando as armas para o ônibus. Os passageiros começaram a gritar e rezar quando o motorista do ônibus parou. Eles nos fizeram descer e nos alinharam ao lado da estrada, depois pegaram nossas identidades, um por vez.

Eu me sentia completamente anestesiado em todas as partes do corpo, e sabia muito bem que estava morto, sem escapatória. Eles levaram metade dos passageiros, e eu estava entre eles, e deixaram os demais escapar com o ônibus. Dessa vez, morri degolado por uma faca. Assisti a três homens serem degolados antes de mim, e minha reação não foi clara. Foi como se eu assistisse de longe a algo que não me dizia respeito e não se aplicava a mim. Uma parte de mim desejava que terminassem logo a missão. Eu não queria pensar nos momentos de espera antes da morte, nem queria ter muito tempo que me fizesse relembrar memórias e os rostos de meus familiares e amigos. Eu não queria nada entre aquele momento e o da morte, para que isso passasse de forma mais fácil.

Minha esposa disse que essa era uma história nova, e isso era notável. Aqui, a máquina dos sonhos não repetiu a produção de eventos terríveis que aconteceram comigo, mas criou uma história completamente nova. Ela me abraçou, deu tapinhas nas minhas costas e me deixou lamentar meu “eu” do sonho que havia morrido novamente. Ela me deu todo o tempo que eu quis até eu extravasar as emoções causadas pelo sonho.



## ■ traduções e perspectivas literárias

O mesmo sonho se repetiu por várias noites consecutivas, e eu me encontrei em versões variadas: deixava de ficar em silêncio e implorava aos sequestradores que me matassem, até que, na última versão do sonho, beijei a mão do homem que me degolaria, implorando-lhe perdão, mas em vão.

Certa noite, ao passear pelas ruas, voltei a refletir sobre o que acontecia comigo e tomei a decisão de deixar a casa por um tempo. Assim, eu daria à minha esposa, meus filhos e qualquer pessoa ligada à minha família um alívio das influências e dificuldades pelas quais eu passava no meu estado de loucura. Viajaria atendendo a um convite de um amigo curdo em Kalar. Ele me disse por telefone que a natureza lá era cativante naquela estação do ano, e talvez o ar puro e o afastamento de Bagdá me ajudassem a elevar meu espírito. Aceitei a proposta dele, apesar de ter certeza de que nada influenciaria a máquina dos sonhos. Ainda assim, daria um descanso de mim para a minha família nesse ponto, e deixaria os sonhos tóxicos fluírem devagar de minha cabeça — quem sabe lá fiquem perto de se esgotar mais rapidamente.

Antes de informar minha esposa sobre minha decisão, outra ideia me veio à mente. Em todas as minhas reações até então, eu resistia fortemente a esses sonhos. Mas e se eu mudasse de atitude? E se eu lidasse com esses sonhos como se fossem reais? O que aconteceria nesse caso? Isso não tinha relação com se render à máquina dos sonhos como minha esposa havia pedido, mas sim em vivê-los como fatos reais e tentar ter vontade própria nos sonhos como na realidade.

### 3

A casa de pedra para onde meu amigo curdo me conduziu ficava nas imediações de um vilarejo de casas dispersas. Ao sair em frente à casa, vê-se uma pradaria ondulada com diferentes plantas, ovelhas dispersas perambulando soltas e sombras azuis de montanhas longínquas no horizonte. Meu amigo supôs que essa paisagem, junto com o ar puro e a tranquilidade, me ajudaria a superar o terrível evento que aconteceu comigo, como ele diz.

Na primeira noite em que dormi sozinho no pequeno quarto da casa de pedra, eu estava determinado a aplicar minha ideia. Tentarei ficar consciente dentro do sonho, e não deixarei meu “eu” do sonho ser prisioneiro dos desejos da máquina do sonho. Farei lá o que sou capaz de fazer aqui. Ficarei bem consciente e tentarei agir.

Não aconteceu nada durante o sono, assim como nas noites seguintes, parecendo uma confirmação das expectativas de meu amigo curdo. De dia, ele me levava de jipe a diversos lugares. Fontes de água e algumas festas para as quais seus anfitriões não deixavam de nos convidar, apesar de não nos conhecerem. Por vezes, íamos à cidade de Kalar para comer em um restaurante ou fazer compras em algumas lojas. Então, ocorreu que senti uma grande alegria, como se o ar puro e os momentos de relaxamento tivessem funcionado. Porém, a máquina do sonho tinha outra proposta sobre a qual eu ainda não sabia.

Eu estava dormindo em um pequeno quarto feito de concreto. Na verdade, não estava dormindo, estava apenas deitado, tentando me animar para me levantar. Eram aproximadamente seis da manhã, mas minha bexiga estava cheia e me pressionava dolorosamente. Vendo as roupas militares penduradas nas paredes, eu soube que estava em um posto de controle militar. E havia dois outros colegas dormindo em camas ao lado.

Infelizmente, o sonho não teve muitos detalhes nem foi longo. Homens armados e de rosto coberto entraram e atiraram com silenciadores nos dois colegas que dormiam. Logo em seguida, encontrei a boca do silenciador na minha cara. Se eu tivesse tido a oportunidade de olhar para mim mesmo depois disso, teria visto meu rosto destroçado pela bala que atravessou meu nariz.

Não tive tempo para agir ou tentar resistir ao que acontecia comigo. Contudo, essa oportunidade me veio na noite seguinte com outro sonho. Eu estava preso com outros em uma sala comprida que estava lotada conosco. Ouvíamos tiros do lado de fora. Havia um confronto entre o grupo armado e os guardas da prisão, e esse grupo armado conseguiu, no fim, matar os guardas ou fazê-los fugirem; quebraram as fechaduras da prisão e nos retiraram. Abraçaram alguns dos prisioneiros, felicitando-os por estarem seguros. Porém, eu estava com os demais, talvez fôssemos mais de vinte homens: eles nos revistaram e fomos retidos novamente, mas não na mesma prisão, e sim em uma caminhonete, que nos levou em um comboio do grupo armado composto por um pequeno ônibus, carros 4x4 e uma picape com uma metralhadora.

Durante a viagem do comboio com grande rapidez por uma rodovia nacional, tive tempo suficiente para avaliar minha situação. Eu estava indo para a morte, sem dúvida. Fui colocado com aquele pequeno grupo com base numa discriminação sectária. Seremos mortos em algum lugar no final da viagem. Tentei soltar as amarras de pano de minhas mãos atadas para trás. Estavam amarradas com precisão. Em seguida, esperei que os homens armados na caminhonete se virassem para o outro lado, longe de nós, então fiquei em pé com dificuldade dentro da caçamba do carro, que se movia, e pensei: “Vou me jogar, seja o que for”. Qualquer coisa seria melhor do que morrer executado. Um dos homens armados me viu quando me levantei e apontou o rifle Kalashnikov na minha direção, ordenando que eu voltasse a me sentar, mas não voltei. Avancei na direção dele para bater nele com meu corpo.

Houve um pequeno conflito rápido, em meio ao silêncio de meus companheiros, que não tiveram coragem de fazer nada. Esse conflito terminou com um tiro na minha cabeça e eu sendo jogado da caminhonete para o asfalto da estrada. Eu estava morto quando caí e não senti a dor dos ossos de meu rosto e crânio se quebrando.

Meus sentimentos eram diferentes na manhã do dia seguinte. Não encontrei em mim mesmo nenhum desejo de chorar e lamentar meu “eu” do sonho que havia sido assassinado. Senti que minha última morte foi mais nobre, digna de orgulho. Pelo menos não me rendi ao destino, nem fiquei paralisado pelo medo, como acontecia nas histórias anteriores,

e consegui pensar e agir, mesmo que no final isso tenha levado à minha morte. Não foi uma morte fácil e simples para meu assassino, e pelo menos esse ponto me satisfaz.

No sonho seguinte, éramos um grupo de jovens retidos numa sala, onde negociavam nosso preço. Tratava-se de uma quadrilha profissional de sequestro, que fornecia pessoas como sacrifícios para quem buscasse represália e quisesse satisfazer sua sede de vingança, matando alguém em retaliação pelo assassinato de uma pessoa querida, fosse um membro da família ou alguém próximo.

Éramos como carneiros, mas com preço determinado conforme nossas feições ou nossa aparência. Aqueles submissos, delicados e cheios de inocência não pareciam atraentes, fazendo os assassinos vingativos sentirem uma culpa maior. Porém, aqueles com feições brutas passavam a impressão de que mereciam a punição, eram “carneiros” apropriados para se executar a vingança.

Eu não sabia se eu era um dos submissos ou dos brutos, mas estava dentro do sonho e me lembrava do que havia acontecido no sonho anterior. Esse era um detalhe novo e um desenvolvimento importante, e o mais importante foi que passei a saber que, se eu morresse aqui, não morreria de verdade. Por isso, assim que a quadrilha profissional entrou na sala onde estávamos detidos, bati no primeiro que entrou com um soco forte que o fez perder o equilíbrio e consegui, depois disso, tomar rapidamente a arma dele. Matei dois deles antes de me cobrirem com uma rajada de balas da cabeça aos pés, e com isso fui impedido de acompanhar o restante da história e o que aconteceu com os demais jovens sequestrados.

Na última noite antes de eu voltar para Bagdá, aconteceu outro desenvolvimento mais interessante. Eu estava em um cenário parecido com o que havia ocorrido nos sonhos anteriores, mas neste eu era um soldado sequestrado com outros soldados. Os terroristas nos rodearam de todos os lados, incitando-nos a avançar com gritos e injúrias. Entramos num lugar similar a um palácio, ou uma casa grande, mas não parecia que eles queriam nos recepcionar ou oferecer comida. Saímos por uma porta que dava para um largo jardim atrás do palácio, e as ordens eram de andar sem parar, até que atravessamos a cerca do jardim, chegando diante da cabeceira de um pequeno rio. Lá, alguns de nós avançaram, ficando exatamente na beira do rio. Fizeram os jovens se ajoelhar no chão, depois um homem armado e de rosto coberto avançou e começou a atirar em suas cabeças por trás, uma após a outra, enquanto proclamava “Deus é o maior”, e eles foram caindo no rio. O terror tomou conta de todos, exceto de mim. Olhava ao redor procurando possíveis opções de fuga. Durante todo o caminho eu tentava soltar minhas amarras, até que consegui abri-las, mas fiquei com as mãos para trás para fazer a quadrilha terrorista acreditar que eu ainda estava preso. Um dos homens armados me empurrou para eu avançar e, assim que desci para a beira do rio, me virei rapidamente e tomei o rifle Kalashnikov da mão dele. Passei a atirar para diversas direções, e talvez eu tenha matado alguém do meu grupo de sequestrados sem querer, mas com toda a certeza matei vários homens armados e forcei

alguns deles a recuar e se proteger atrás de paredes e árvores. Não parei de atirar para me proteger enquanto corria atrás da cerca do jardim exterior de frente ao rio, continuando ainda a correr. Eu sentia que era uma fuga sem sentido, pois os homens armados controlavam toda a região e poderiam me perseguir e atirar em mim uma vez após outra até que eu caísse morto, mas não me preocupei com esse detalhe, tanta era a minha preocupação em executar a mais longa operação de fuga possível, aceitando o desfecho da morte de qualquer forma.

Continuei correndo, e os homens armados atiravam em mim de longe, mas não avançaram. Estavam ocupados com um grupo grande de sequestrados, e queriam se concentrar neles e terminar a missão de matá-los num tempo curto. Dois deles continuaram a me perseguir. Disparei na direção deles aleatoriamente, matei um deles e segui correndo, porém, meu amigo curdo me acordou e me retirou cruelmente das profundezas do sonho repleto de comoções.

Não morri. E isso aconteceu pela primeira vez desde o começo desse tormento. Quando me certifiquei de que não voltaria a dormir, fiquei orgulhoso e senti uma explosão de sentimentos positivos tomarem conta de mim por inteiro. Desejei ligar para minha esposa, mas guardei as boas notícias para meu encontro em pessoa com ela.

Quando retornei para Bagdá, contei para minha esposa sobre o importante acontecimento. Ela ouviu com entusiasmo os detalhes da história, que parecia um filme, depois comentou que minha fuga parecia impossível, e que na realidade as coisas não acontecem em geral desse modo.

“A máquina do sonho facilitou para você dessa vez... Ela quis te dar uma compensação, senão essa quadrilha teria te perseguido mesmo se você chegasse correndo até Bagdá.”

#### 4

Aproveitei diversas noites felizes, sem sonhos, perseguições nem quadrilhas, depois fui surpreendido por um novo sonho. Eu estava com uma família que parecia a minha e carregava nossas coisas de casa no porta-malas de um pequeno carro. Havia uma idosa chorando; eu não sabia exatamente qual era a relação dela comigo, mas entendi que éramos imigrantes. Depois, chegou um grupo de homens armados que nos observava de longe, como se quisessem se certificar de que respondíamos às ameaças e partíamos do bairro residencial onde morávamos. Havia um jovem comigo, talvez fosse meu irmão no sonho. Ele carregava um revólver no cinto, então eu o puxei de lado para perguntar por que ele não o usava, ao que me respondeu que, se fizesse isso, matariam toda a família.

Puxei a arma do cinto dele e corri em direção ao grupo armado atirando neles. Matei um deles e os demais se puseram a fugir. Voltei à minha família do sonho, pedi para eles retornarem as coisas para a casa e pedi para meu irmão do sonho ir imediatamente para o local onde adquiriu esse revólver para providenciar outras armas.

## ■ traduções e perspectivas literárias

Foi o sonho mais longo que tive, repleto de detalhes. Terminou com as paredes externas da casa virando um amortecedor para o fogo da quadrilha agressora, enquanto eu com meu suposto irmão e outros dois homens lutávamos para nos proteger junto com a família na casa. Mataram primeiro meu irmão e um dos homens estranhos que se juntaram a nós. Em seguida, não tomei cuidado e fiquei exposto por alguns segundos, que foram o suficiente para o disparo de um rifle na minha cabeça.

No sonho da noite seguinte, meu suposto irmão e diversos outros homens estavam comigo e nós perseguíamos o grupo armado por becos e ruas. Um de nós carregava uma bazuca capaz de destruir uma parede com uma porta por meio de dois grandes projéteis, facilitando nossa entrada e a eliminação da quadrilha armada que se abrigava na casa.

Eu narrava tudo o que acontecia comigo dentro do sonho para minha esposa e esperava seus comentários precisos, pois eu não entendia completamente o que ocorria, esperando que ela me explicasse. E nessa fase, minha esposa me disse: “A ‘matéria’ do sonho está mudando para uma direção positiva, e isso significa que as toxinas estão perto de se esgotar”.

Nos sonhos seguintes, fui por vezes morto, e outras vezes consegui fugir, porém, os sonhos mais importantes eram aqueles em que eu não apenas escapava da morte, mas também os enfrentava, contra-atacava e permanecia vivo até o fim do sonho. Contudo, eu sabia que esse resultado positivo era sempre sujeito às condições nas quais eu me encontrava dentro do sonho. Apesar de ser um sonho, as regras do mundo real se aplicavam muitas vezes. E essa era a questão interessante, e o motivo do problema que realmente vivi.

Passaram-se três semanas nessa situação. Voltei ao trabalho no jornal e retomei o meu ritmo de vida normal. Passei a sonhar com novas histórias, mas parei de contar meus sonhos para minha esposa. Não era mais importante, e ela percebeu que eu havia superado o tormento no qual estava. Virei uma pessoa comum que enfrenta problemas do cotidiano, como qualquer outra pessoa, com sonhos e pesadelos — alguns parecem inquietantes, mas são apenas sonhos e pesadelos, nada mais. Depois, passaram-se outras semanas nas quais os sonhos corriam de um modo praticamente fixo: eu conduzia um grupo armado para se vingar dos assassinos e criminosos. Eu os matava antes que dirigissem seus rifles na minha direção para me matar ou matar outros inocentes. E o sonho terminava sem que eu sofresse nem um arranhão.

Eu e alguns rapazes, cujos rostos passei a conhecer bem, mesmo quando cobertos, antecipávamos os acontecimentos antes que ocorressem. Escalávamos cercas altas e quebrávamos as fechaduras das portas para pegar os terroristas de surpresa em suas horas de descanso. Nossas balas choviam sobre suas cabeças e nós os impedíamos de cometer quaisquer outros crimes.

Eu estava com o pequeno grupo armado que me seguia, composto por cinco pessoas. Dirigíamos dois carros 4x4 na noite de Bagdá. O tempo estava frio e as janelas, fechadas. Já havíamos atravessado metade das ruas de Bagdá a caminho do nosso destino. Eu estava sentado ao lado do motorista e insistia em esclarecer minha ideia sobre a existência da bala que mata um homem na rua ser precedida com toda a certeza pelas intenções de matar, e que aquele que cultiva as intenções de matar é cúmplice da bala que mata. Por isso, a lista de criminosos crescia, e nós tínhamos que matar as intenções de matar antes de enfrentarmos a bala com bala.

Eu mesmo me encontrava dentro do sonho plenamente consciente, e era capaz de conduzir o sonho na direção que desejasse, como se fosse eu que criasse esse sonho e o vivenciasse. Ou eu assim me iludia e tentava acreditar nisso.

Entramos com dois carros numa rua secundária, depois paramos diante de um prédio elegante. A porta de entrada estava aberta. Cobrimos nossos rostos e entramos rapidamente. Era uma sala repleta de computadores e, assim que vimos os jovens que estavam ali, eles se colocaram em pé, atingidos por um choque que os fez congelar no lugar — esse era o efeito de ver armas sacadas no ar.

Eram sete jovens. Amarramos as mãos deles para trás rapidamente, depois os empurramos para sair. E quando os fizemos entrar à força nos carros, notei que um deles era um ajudante bengali. Não havia mais volta, ou não me preocupei com esse detalhe e não quis pensar nisso. Nosso tempo era apertado.

Fechamos as portas dos carros e partimos. Antes de o carro onde eu estava virar no começo da rua secundária em direção à rua principal, vi um jovem em pé com semblante de surpresa e terror no rosto. Ele segurava um cigarro na mão na altura dos lábios e um maço de cigarros na outra mão. Contemplei o rosto dele quando avançávamos para passar ao seu lado e suas feições ficaram claras na escuridão interrompida pelas faixas de luz vindas dos pátios das casas ao lado.

Reconheci o rosto rapidamente, e desejei acordar naquele momento. Gritei, no carro, chamando pelo nome de minha esposa, pedi para acordar. Chamei o “segredo oculto” para que interferisse. Eu estava convencido antes desse momento de que a toxina dos sonhos estava perto de se exaurir de minha cabeça, mas nesse instante percebi a ilusão de todas as minhas convicções. Continuarei a passar por essa tortura, até a hora de minha morte de fato.

O rosto do jovem tomado por terror ao nos ver desapareceu quando entramos com os dois carros na rua principal. Porém, suas feições não me deixariam nunca, pois eram as minhas feições.



## ■ traduções e perspectivas literárias

Matamos os sete sequestrados com balas atrás da cabeça e os jogamos em uma fossa seca. Depois, retornamos e nos dispersamos cada um para sua casa. Mas eu não acordei, e não fui para casa!

Fiquei vagueando pelas ruas com o carro 4x4, esperando que acontecesse alguma coisa que anunciasse o fim do sonho e o retorno à minha cama, mas nada aconteceu. Eu gritei, berrei. Não adiantou nada. Parei o carro ao lado de um restaurante perto do Teatro Nacional. Era tarde, mas o restaurante estava aberto. Desci e me sentei numa mesa do lado de fora, pensando em me ocupar com um jantar tardio. Pois talvez o “segredo oculto” se compadecesse de mim e tivesse pena de minha situação estranha, encerrando essa punição injustificada. Fiquei comendo as entradas que o garçom colocou diante de mim a observar a supressão dos minutos como se um consumisse o outro: o tempo não avança nesta noite que nunca terminará.

### 6

No dia seguinte, o partido que dirigia as publicações do nosso jornal emitiu um comunicado furioso, ameaçando represália para os jornalistas mortos; seu braço armado estava pronto para se vingar dos terroristas no momento que julgasse adequado, alertando sobre a repetição dos ataques nos escritórios do partido. O comunicado terminou sem mencionar o pobre ajudante bengali, que virou vítima de uma batalha que não lhe dizia respeito de forma alguma.

Eu acordei às duas da tarde chorando na minha cama. Meus amigos se foram, sem volta, nunca conseguirei recuperá-los. Naquela noite, eu queria enviar o ajudante bengali para trazer um maço de cigarros para mim, mas tive pena dele, que estava em pé desde manhã até tarde da noite trabalhando como um serviçal obediente sem se queixar, e tudo isso em troca de um salário baixo, cuja maior parte ele enviava para sua família em Dacca. Por isso, me levantei e fui eu mesmo comprar os cigarros.

No fim de semana, uma força policial local encontrou os corpos em uma fossa abandonada numa terra agrícola erma, nas imediações de Bagdá. Quando vi as fotos preliminares deles ajoelhados um atrás do outro dentro da fossa, algo ruiu dentro de mim, e comecei minha jornada com os pesadelos horríveis. Naquele momento, decidi me vingar deles, mas minha esposa sempre me dizia que essa missão não era apropriada para mim. Que eu deveria deixar tudo nas mãos de Deus, pois Ele é o Vitorioso, o Vingador Todo-Poderoso.

Entre no banheiro do restaurante depois de terminar meu jantar tardio, e a interferência do sonho com a realidade ainda não havia acabado. Parei diante do espelho do banheiro e fiquei olhando para o meu rosto exausto. Alguma coisa me ocorreu, pois ergui minha ghutra vermelha dos ombros e enrolei o rosto com ela, deixando apenas os olhos visíveis. Olhei para essa minha aparência no espelho do banheiro, como se quisesse me ver no âmbito da missão inapropriada, como dizia minha esposa.

Eu olhava para o espelho, mas via apenas a imagem de mim mesmo que vi lá, em pé na noite da rua. De rosto nu, exceto pelo pavor sem limites.

Os dois rostos se encararam, o coberto e o descoberto. Os olhares mútuos — num instante que não passou de dois segundos — penetraram alguma barreira, quebrando-a, e se abraçaram como se fosse um aperto de mãos eterno, de tal forma que eu não sei até o momento com a voz de quem eu me dirijo a vocês agora neste relato. Nem quando vai terminar este sonho terrível para eu acordar de fato.

### الوجه العاري داخل الخُلم

-1-

تمرّ ساعات ثقيلة وطويلة خلال النّوم كأنّها الدهر غزيرة التفاصيل قبل أن أشهق وأنا أفتح عينيّ في سريري ويكون النهار قد انتصف، ومثلما هو الحال في كلّ مرّة أصارع المرحلة الانتقالية العصبية كي أستردّ إحساسي الواقعي بالأشياء من حولي؛ المغسلة ذات المقابض التي لا تتحرّك بسهولة. تسرّب المياه في سقف الحمام حاجتي منذ أشهر لحذاء ثاني ولكنني أتكاسل عن شرائه. عدم رغيتي بأكل شيء على الإطلاق وإحساسي، مع ذلك، بجوع رهيب. طعم الشاي المنزليّ الغريب، حاجتي لحلاقة لحيتي كلّ عشر ساعات لأنّها تنمو بسرعة. ثمّ اكتشفت شيئاً غريباً، فخلال مروري بأحلامي الثقيلة تنمو لحيتي بسرعة أكبر. تتغيّر ملامحي قليلاً، يزداد صلعي. تمرّ السنوات التي عشتها داخل الحلم على جسدي وتُفعل فعلها، ومع ذلك يواجهنني الآخرون، خلال النهار، بكلّ غباء ليؤكّدوا أن شيئاً من هذا لم يحصل. فأنت أنت، كما كنت نهار الأمس. لم يتغيّر فيك شيء ما سوى أنك غدوت أكثر تبرّماً وضجراً، وأقلّ مرحاً من السابق.

كنت ليلة أمس مرهقاً تماماً بسبب تراكم حاجتي للنوم على مدى أسابيع. عدت متأخراً إلى البيت، ولم أشارك أصدقائي جلسة شرب كانوا قد دعوني إليها، فأنا لا أريد أن أتطوّح برأس يدور، يدفعني سريعاً إلى النوم، أنا أهرب من النوم أصلاً. ولكن، من الذي يستطيع مقاومة جسده إلى النهاية؟ لم أكن بحاجة إلا لدفعة صغيرة من زوجتي القلقة، كي اندس في الفراش وأغطس في نوم عميق.

نمت، وغرقت سريعاً في الطبقات العميقة من النوم، ولكنّه لم يكن نوماً عادياً، كما أخبرتكم. كان دخولاً إلى مصيري الحقيقي. يا إلهي. عدت إلى القصة ذاتها التي رافقتني خلال أكثر من شهر، رغم تغيّر بعض التفاصيل فيها كلّ مرّة، وكأنّها تنمو وتزحف نحو هدف أجهله.

كنت داخل الحلم، في قاعة واسعة مضاءة بشكل جيد. نستعدّ لدفع الصفحات الإخبارية إلى المطبعة. بعضنا يقف وراء المصمّمين، وآخرون ينتظرون آخر ما يرد من الوكالات. كان الجوّ في الخارج بارداً، وبسبب التدخين المسرف لكلّ المحرّرين والمصمّمين وحتى عامل الخدمة الذي تأخر معنا في تلك الليلة، كان لزاماً فتح بعض النوافذ. غادر رئيس التحرير مبكراً. وبقينا نحن سبعة شباب مع عامل بنغالي، نستمر في التدخين والضحك، والتعليق على بعض الأخبار والأحداث، وتغمّرنا سعادة ما بأننا نقوم بعمل جيد. سيكون عدد الغد من الصحيفة مميّزاً، لأننا أجرينا حواراً مع شخصية نافذة، ولدينا تقارير كتبناها بناءً على معلومات استخباراتية خاصة. وأشياء أخرى تبدو جميلة ومثيرة.

إنّه شتاء 2007. نفذت سجناري فطلبت من عامل الخدمة البنغالي أن يخرج ليشتري لي علبة من محلّ الأسواق القريب في رأس الزقاق. غادر العامل وترك الباب الخارجي مفتوحاً في بناية الجريدة التي هي مجرد بيت كبير في منطقة الكرادة. كنّا نعرف بأنّ هناك تهديدات من جماعات مسلّحة لبعض الصحف الصغيرة التي لا تحظى بالحماية، ولكنّا لم نحصل على أيّ تهديد بعد، ولا نعرف بالضبط ما الذي فعلته هذه الصحف، وما الخطأ الذي ارتكبته، ولكنّا كنّا نتصرّف بحريّة، ونتناول

بالنقد كل شيء، ونعتقد مؤمنين أن هذا هو حقنا في استعمال الحرية وواجبنا الأخلاقي تجاه الحقيقة وحق الناس في المعرفة. كنا نوهم أنفسنا بهذه التصورات رغم أن جريدتنا تتبّع فصيلاً سياسياً نافذاً يشترك في الصراعات الدائرة على الأرض، بكل ما فيها من تداعيات صادمة في بعض الأحيان. ولم ننتبه أننا، بوجودنا العاري المكشوف، نعرض أنفسنا بغباء كي نكون أشبه بكبش فداء لهذه الصراعات العنيفة على المصالح والنفوذ، وهي صراعات لا تستجيب لأي قواعد عمل شريفة وعادلة.

كنا واقفين في قاعة التحرير الرئيسية، حين دخل مسلحون يرتدون ملابس مدنية. لم تكن أشكالهم شريرة. يمكن أن يكونوا محررين في جريدة مثلنا، إذا أزلنا تفصيلاً صغيراً يتعلّق بالأسلحة الرشاشة التي في أيديهم. اقتادونا جميعاً، دون كلام كثير، وتركوا باب الجريدة مفتوحاً. كانوا يدفعوننا لنسير بسرعة خارج البناية إلى سيارات دفع رباعي بزجاج مظلل وقفت في منتصف الشارع الفرعي المعتم. وضعونا مكتفي الأيدي في السيارات السوداء وركبوا بجوارنا، وتحركوا بسرعة. رفعت رأسي لأنظر إلى أبواب البيوت والشبابيك على شخصاً ما يقف هناك ويكون شاهداً على ما جرى، ثم لمحت العامل البنغالي يمسك بعلبة السجائر التي طلبتها منه، وهو يقف مذهولاً بمنظر السيارات التي مرّت بجواره. ومن المؤكد أن ذهوله سيتحوّل إلى رعب حين يجد قاعة التحرير فارغة مثلاً.

لم يمض وقتٌ كثير حتّى دخلنا إلى الشارع العام. كنا ننتظر أن يرى أحد ما كيف جرى اختطافنا. شاهدنا سيارة شرطة واقفة في البعيد، ولم يتجرأ أحدٌ منا على مناداتها. هل بالإمكان سماع أصواتنا لو صرخنا؟! كان كل شيء في الشارع عادياً، وهناك حركة السابلة ما على الضفة الأخرى من الشارع من خلال النوافذ كانت الحياة مستمرة بايقاعها الطبيعي. عربات لبيع اللبلي والشلغم. جنابر باعة السجائر على الأرصفة. محالّ مفتوحة ومُنارة بأضوية شديدة مطاعم دوريات شرطة. ثم مررنا بسيطرة عسكرية، وانتظرت أن تتوقّف يد الجندي التي يشير بها إلى السيارات أن تمرّ. انتظرت أن ينتبه لتكتسنا المريب، ولكن يده ظلّت تلوح للسيارات وهي تدعوها إلى عدم التوقف، ثم لمحت موكباً لمركبات دفع رباعيّ سوداء تتقدّم باتجاه معاكس. يبدو أنها لمسؤول كبير، وكان الجندي يحاول فتح الطريق لها.

بعد أقلّ من ساعة وصلنا إلى منطقة زراعية عند أطراف بغداد. أنزلونا من السيارات، واقتادونا ما بين الأشجار والأحراش التي كنا نتعثر بها في سيرنا المرتبك، حتّى وصلنا إلى مكان بدا شديد العتمة. كدّسونا نحن السبعة في منزل عميق وجاف. بركنا على ركبنا وصرنا خلف بعضنا البعض الآخر بشكل متتابع. كان الليل حالكاً، لا أضوية ولا أصوات مميزة. لا أتذكر سوى الرائحة، رائحة أعشاب عفنة. استمرّ أحدنا [للأسف لا أتذكر اسمه] دون يأس بإطلاق توصلاته أمام المسلّحين لكي يفهم ما الذي يجري. حاول أن يتفاهم معهم، بل ورشوتهم، ولكنهم لم يتكلّموا بكلمة واحدة. حتّى مع احتمال أن يكونوا قد اقتادوا المجموعة الخطأ. كانوا مثل روبوتات تنفّذ مهمة آلية. لم يكونوا بشراً مثلنا، وندمت لأنني شبّهتهم، بسبب هيأتهم المألوفة، بمجموعة من المحرّرين في صحيفة. لم يكن هناك أيّ بصيص لأمل بأن تنتهي هذه الليلة بطريقة مفاجئة وسحرية وغريبة خارج المتوقّع. لم يكن الأمر قصّة لفيلم. لم تكن أبطلاً، ولم ينج أحدٌ منا أبداً.

وقعنا على وجوهنا في الوحل الأسود داخل المنزل العميق بسبب إطلاقات سريعة خلف الرأس. متناً، وغادر المسلحون سريعاً. وساد هدوء كامل. بقيت، رغم موتي، أتشم رائحة العشب العفن وهي تتسلّل ببطء إلى أنفي. ما الذي حصل فعلاً؟ لماذا لا أبدو ميتاً؟ إنه سؤال جديد يضاف إلى أسئلة كثيرة أخرى كنت أتأملها خلال حياتي وأحاول الوصول إلى إجابات شافية عنها دون فائدة.

هل هي خطّة القدر أم الله؟ لا أستطيع الجزم بشيء. أنا في العادة أملك الكثير من الأسئلة والقليل جداً من الأجوبة المؤكدة، ولم أنشغل طوال حياتي بمناقشة موقفي هذا مع الآخرين، أو استعراض شيء من قناعاتي. ولكني بالمجمل، ورغم كل شيء أستشعر قوّة السرّ والغموض في هذه الحياة. هناك سرّ خفي لا نستطيع الإمساك به ولكنه يمنح معنى لكل شيء. لديّ بالمؤكد شيء يتّصل بهذا السرّ الغامض الخفي، ألا وهو شبكة غرائزي المتشابكة التي تدفعني باتجاه معاكس لأيّ حسّ عديمي سيطرة عليّ. غرائزي تفهم شيئاً لا أفهمه أبداً. وربما هي متّفكة مع "السرّ الخفي" لهذه الحياة، ربما هي يده الحانية التي تربّت على كتفي، والتي تدفعني إلى الخلف بقوّة حين نزولي الساهي إلى الشارع أثناء مرور سيارة مسرعة. ولكن، لماذا لم تفعل لي شيئاً ها هنا. لماذا غدر بي هذا السرّ الخفي وتركني أموت ميتة سخيفة برصاصة في مؤخرة الرأس، ملطخ الوجه بالوحل الأسود، مع رفاقي الستّة الذين لا أعرف أسماءهم ولا ملامحهم الآن؟

كان استشعاري لملمس الرصاصة على قحف رأسي، أو تخيلي لهذا الاحساس، هو الومضة الأخيرة في حلمي الرهيب قبل استيقاظي مع شهقة عميقة، وكأنني طفوت إلى السطح ونجوت من غرق محقق. صحت في الثانية ظهراً. بقيت ساكناً في سريري عدة لحظات، ثم شرعت بالبكاء، وتمنيت أن لا يدخل أحد من أطفال لي يراني على هذه الحالة. بقيت أبكي لنصف ساعة، عضضت طرف البطانية بأسناني وبكيت على نفسي طويلاً. كأن كلّ الرعب الذي لم أشعر به خلال عملية الاختطاف وكلّ مشاعر الفقد وخسران الحياة، وتضاعف الأمل والرغبة والشعور بالظلم وغدر الحياة لي، قبيل أن يطلق المسلحون النار علينا في المنزل العميق، كل هذه المشاعر المتضاربة والمتزاخمة في حيز صغير قد اندفقت في صدري وأنا أعرض على البطانية وألفت وجهي بها وأبكي بحرقه. أبكي نفسي التي ذهبت ولم يبك عليها أحد. نفسي الأولى. وربما هذا واحد من غايات "السر الخفي" التي أراد تحقيقها بإعادتي مرة ثانية إلى هذه الحياة؛ أن أقيم عزاء على نفسي ورفاقي الستة.

-2-

قالت لي زوجتي؛ إنها قصّة مختلفة ببعض التفاصيل، ولكنّ هذا ما جرى معي فعلاً. إنّه شيء رهيب ومؤلم بحدّ ذاته. ولكنّ الأكثر إيلاً وقسوة أن تعود مرة بعد أخرى لعيش التفاصيل ذاتها من جديد.

- لقد منحني الله حياة ثانية.

قلت وكأنني أهذي، فردت زوجتي:

- نعم بالمؤكد، والآن قم واغتسل ريثماً أحضر لك وجبة الغداء، أم تريد إفطاراً؟ لقد تجاوزنا منتصف الظهر من ساعات.

غالباً ما جرى خلال الأسابيع الماضية أن نخوض أنا وزوجتي حوارات من هذا النوع. ولكنّي أشكّ في كوننا نقصد الأشياء نفسها. لقد منحني الله فرصة ثانية للحياة، من دون أن أعرف بالضبط ما الغاية منها. لو أستطيع مواجهة ذلك "السرّ الخفي" كي أفهم منه معنى ما جرى لي، لكنت أرتحت. وخرجت من البيت للبحث عن عمل من جديد، ولأنهت فترة النقاهة الطويلة التي أقسمتها ما بين التسكعات والجلوس في البيت للقراءة ومشاهدة التلفزيون، ومحاولة الهرب من النوم قدر الإمكان، فهناك، ما وراء حاجز النوم، يلعب السرّ الخفي لعبته ليعيدني إلى المشاهد الرهيبة التي أحاول نسيانها.

فيما بعد صرت أكثر اثّراً وفهمت أنّه مجرد حلم. تخفّف هذيانتي، وصرت أعي عالمي الواقعي، وأفصله عما يجري لي في عالم الأحلام، رغم الوقع الشديد لتفاصيل هذه الأحلام، إلّا أنّني ملزم بالتكيف معها، وإدراك أنّها مجرد أحلام. قالت زوجتي، بما يشبه الخلاصة الحكمية، إنّ عليّ أن أستسلم لهذه الأحلام تماماً، ولا أقاومها، فهي تشبه سائلاً ساماً محتجزاً في رأسي، عليّ أن أدعه يتسرّب من خلال الأحلام، حتى يفرغ رأسي منها في النهاية، مهما استغرق من وقت، فلا سبيل غير ذلك.

قالت لي هذا على خلفية مراجعاتي لأطبّاء نفسيين ولأضرحة مقدّسة وقراءة الأدعية، والقيام بأيّ شيء يمكن أن يؤثر على ماكينة الأحلام في رأسي ليعتدل من مسارها، أو نوع المواد التي تنتجها فتكون أخفّ أثراً. حتّى أنّي جرّبت السكر لعدة ليالٍ. شربت أقصى من طاقتي، ونمت بمعدة ثقيلة ومزاج سيء. كانت ماكينة الحلم بالرغم من كل شيء تعمل بالكفاءة وتنتج المواد الرهيبة ذاتها. وعبثاً حاولت التعايش مع هذا الوضع، استجابة لنصيحة زوجتي، فبعد كلّ شيء أنا أبقى داخل تأثير الحلم لساعات بعد الصحو من النوم، ويبقى وعيي يتحرّك في عالم آخر لا وجود له، وحين أقر مع نفسي بأنّ ما جرى لم يكن سوى حلم مزعج، أبقى مع ذلك تحت التأثير العاطفي للحوادث الصادمة التي عايشتها، ويبقى مزاجي مكرراً لوقت طويل، فيستهلك الأمر أغلب ساعات النهار عندي، ما يجعلني غير متحمّس للقيام بأيّ شيء.

تمر بضعة أيّام من دون أحلام، وأكاد أستعيد إيقاع حياتي الطبيعي، ثم يأتي حلم صادم مليء بالتفاصيل الواقعية يخرب كلّ شيء، وفي بعض الأحيان تندفع الأحلام بشكل متتابع على مدى يومين أو ثلاثة فأكاد أصاب معها بالجنون.

لقد كنت في باص كيّ يتّجه لمدينة كربلاء، وكان الطريق العام مقطوعاً بسبب ما قيل أنّها مواجهات مع جماعات مسلّحة. اضطرر سائقنا للمرور بين البساتين على طريق ضيق لا يتسع إلّا لسيارة واحدة. نظرت إلى الخلف فلم تكن هناك سيارة تتبعنا، ولم يبد في الأمام أيّ شيء ما سوى إلتقاء أفق الأشجار من الجانبين. لم يكد يمضي الوقت بنا حتى ظهرت مجموعة من الملتئمين من كلّ اتجاه، تصوّب أسلحتها باتجاه السيارة. ضجّ الركاب بالصراخ والدعاء حين توقّف سائق السيارة. أنزلونا



ورصفونا على جانب الطريق، ثم أخذوا بطاقات الهوية منّا تباعاً. كنت أشعر بخدر تام في كل أرجاء جسدي، وأعلم تماماً أنني ميت لا محالة. أخذوا نصف الرغائب وكنت من بينهم، وتركوا الباقيين يفرون بالسيارة. كان موتي هذه المرة ذبحاً بالسكين. شاهدت ثلاثة رجال يُذبحون قبلي، ولم تكن ردة فعلي واضحة. كنت كأنتي أشاهد شيئاً بعيداً لا يعنيني ولا يخصني. وكان جانب في يمتنى أن ينتهوا من مهمتهم سريعاً. لا أريد التفكير بلحظات الانتظار ما قبل الموت، ولا أريد وقتاً كثيراً يجعلني أستدعي الذكريات ووجوه من أعرفهم من أهلي وأصحابي. لا أريد أي شيء ما بين هذه اللحظة ولحظة موتي، حتى يمر الأمر ببسر أكثر.

قالت زوجتي إنها قصة جديدة، وهذا أمر ملفت. لا تعيد ماكينة الأحلام هنا إنتاج الوقائع الرهيبة التي حصلت معي، وإنما تؤلف قصة جديدة تماماً. احتضنتني وطبّطبت على ظهري وتركتني أنتحب على نفسي التي ماتت من جديد. أعطتني كل الوقت الذي أريده حتى أفرغ ما لدي من عواطف سببها الخلم.

تكرّر الخلم ذاته في عدة ليالٍ لاحقة، ووجدت نفسي في بعض النسخ، وأغار صمتي وأتوسل بالخاطفين القتلة. حتى أنني في نسخة أخيرة من الخلم، قبلت يد الرجل الذي سيدبحني، وطلبت منه الصفح والغفران، ولكن من دون جدوى.

وفي ليلة ما وأنا أتجول في الشوارع، أعيد تأمل ما يحصل لي، توصلت إلى قرار بأن أترك البيت لفترة، حتى أعفي زوجتي والأولاد وأي شخص له صلة بأسرتي، من آثار ومتاعب ما أمر به من وضع جنوني. سأسافر مستجيباً لدعوة صديق كردي في كلار. أخبرني على الهاتف بأن الطبيعة هنا خلابة في هذا الموسم من السنة، وربما يساعدني الهواء النقي والابتعاد عن بغداد في رفع معنوياتي. قبلت عرضه وأنا أستشعر يقيناً بأن لا شيء سيؤثر على ماكينة الأحلام، ولكنني أمنح استراحة لعائلتي هنا منّي، وأترك الأحلام السامة تتسرّب من رأسي على مهل، فلربما قاربت النفاذ هناك بشكل أسرع.

قبل أن أخبر زوجتي بقراري انبثقت فكرة أخرى في رأسي؛ فأنا، في استجاباتي كلها حتى الآن، أقوم هذه الأحلام بشدة. ماذا لو غيرت من موقعي؟ ماذا لو تعاملت مع هذه الأحلام على أنها حقائق؟ ما الذي سيجري حينها؟ الأمر لا يتعلق هنا بالاستسلام لماكينة الأحلام كما تطلب زوجتي وإنما أن أعيشها كوقائع فعلية، وأحاول أن أكون ذا إرادة في الخلم كما أنا في الواقع.

-3-

كان البيت الحجري الذي اقتادني إليه صديقي الكردي عند أطراف قرية متناثرة البيوت. وحين أخرج لأقف أمام البيت أرى سهوباً متموجة بالأعشاب المختلفة، وأغناماً متناثرة تتجول باسترخاء، مع ظلال زرقاء في الأفق لجبال بعيدة. افترض صديقي أنّ هذه المناظر بالإضافة إلى الهواء النقي والهدوء ستساعدني على تجاوز الحادثة الرهيبة التي حصلت معي، كما يقول هو.

في الليلة الأولى التي نمت فيها وحيداً في غرفة النوم الصغيرة داخل البيت الحجري، عقدت العزم على تطبيق فكرتي، سأحاول أن أتذكر نفسي وأنا داخل الخلم، ولا أتركها أسيرة رغبات ماكينة الخلم. سأفعل هناك ما أنا قادر على فعله هنا. سأنتكر نفسي جيداً وأحاول التصرف.

لم يحصل شيء خلال النوم، وكذا الأمر مع الليالي اللاحقة، بما بدا وكأنه تأكيد لتوقعات صديقي الكردي. في النهار كان يقتادني بسيارته الجيب إلى أماكن متعددة. عيون ماء، وبعض الاحتفالات التي لا يتحرّج أصحابها من دعوتنا إليها رغم أنهم لا يعرفوننا. ولربما ذهبنا إلى مدينة كلار للأكل في مطعم أو التبرّج من بعض المحال. ثم حصل أنني شعرت ببهجة غامرة، وكأنّ الهواء النقي وأوقات الاسترخاء فعلت فعلها، ولكنّ ماكينة الخلم كان لها رأي آخر لم أكن أعرفه بعد.

كنت نائماً داخل غرفة صغيرة مبنية من أحجار خراسانية. لم أكن نائماً في الحقيقة وإنما مستلقياً أحاول تنشيط نفسي من أجل النهوض. كانت الساعة السادسة صباحاً تقريباً، ولكنّ ماثلي كانت ممثلة وتضغط عليّ بشكل مؤلم. ومن مشاهدتي للملابس العسكرية المعلقة على الحيطان، عرفت أنني في نقطة تفتيش عسكرية. وكان هناك زميلان آخران ينامان على سريرين مجاورين.

g لأسف لم يكن الخلم كثير التفاصيل ولا طويلاً. دخل مسلّحون ملثّمون، وبأسلحة كاتم صوت أطلقوا النيران على الزميلين النائمين. ثم بسرعة وجدت فؤة الكاتم أمام وجهي. لو أتيحت لي فرصة أن أرى نفسي بعد ذلك، لكنت رأيت وجهي منهشاً بالرصاص التي أطلقت نحو أنفي.

لم يكن لدي وقت لأتصرف أو أحاول مقاومة ما يجري لي. ولكن هذه الفرصة أتحت لي في الليلة اللاحقة مع خلم آخر. كنت مسجوناً مع آخرين. كانت القاعة الطويلة مملوءة بنا. وكنا نسمع أصوات إطلاق الرصاص في الخارج. كانت هناك مواجهة بين جماعة مسلحة وحرس السجن، ونجحت هذه الجماعة المسلحة في النهاية بقتل الحرس أو دفعهم إلى الفرار، ثم كسروا أقفال السجن وأخرجونا. احتضنوا بعضنا وهأوهم بالسلامة، ولكني مع آخرين ربما تجاوزنا العشرين نفراً، جرى فرزنا واحتجازنا من جديد، ولكن ليس في السجن نفسه، وإنما في سيارة حوضية كبيرة، انطلقت بنا مع رتل الجماعة المسلحة المكون من باص صغير مع سيارات دفع رباعي، وسيارة بيك آب عليها رشاش أحادي.

أثناء سير الرتل بسرعة كبيرة على طريق دولي، أخذت وقتاً كافياً التجميع الموقف الذي كنت فيه. أنا ذاهب للموت لا محالة. وقد تمّ فرزي مع هذه المجموعة الصغيرة استناداً إلى تمييز طائفي. سيتمّ قتلنا في مكان ما في نهاية المطاف. حاولت فائق الوثاق القماشني من يديّ المعصوبتين إلى الخلف. كان مربوطاً بإحكام. ثم انتظرت أن يلتفت المسلحون في حوض السيارة إلى جهة أخرى بعيداً عنا، فوقفت على قدمي بصعوبة داخل حوض السيارة المتحركة، وقلت سأرمي نفسي من السيارة ولكن ما يكون. كل شيء أهون من الموت بطريقة الإعدام. شاهدني أحد المسلحين وأنا أنهض فوجّه سلاح الكلاشينكوف نحوي وأمرني بالعودة للجلوس، ولكني لم أفعل. واندفعت باتجاهه لأضربه بجسدي.

دارت معركة صغيرة وسريعة، وسط صمت رفاقي الذين لم يتشجعوا لفعل شيء. وانتهت هذه المعركة بأن وجّهوا إطلاقاً إلى رأسي ثم رموا بي من حوض السيارة إلى أسفل الطريق. كنت ميتاً حين سقطت ولم أتحسّس ألم كسر عظام وجهي وجمجمتي.

كان شعوري مختلفاً صباح اليوم التالي. لم أجد في نفسي رغبة ما للبكاء والنحيب على نفسي التي قتلت. شعرت بأن موتني الأخير كان أكثر نبلاً ويدعو للفخر. على الأقل لم أستسلم لقذري، ولم يشلني الخوف كما كان يحصل في القصص السابقة، واستطعت التفكير والتصرّف، حتى وإن أدى هذا الأمر في النهاية إلى موتي. لم يكن موتاً سهلاً ويسيراً على قاتلي، وهذه حدود ترضيني على أية حال.

في الخلم اللاحق، كنا مجموعة من الشباب محتجزين في غرفة، وكان هناك من يساوم على أسعارنا. إنها عصابة خطف محترفة، تقدّم الأضحيات لمن يريد الانتقام ويريد إشفاء غليله بقتل شخص انتقاماً ممّن قتل عزيزاً على قلبه من أفراد عائلته أو قريباً.

كنا مثل الخراف، وكلّ خروف سعرّ معين، تبعاً لملاح وجوهنا أو مظهرنا الخارجي. ذلك الوديع اللطيف المليء بالبراءة لا يبدو مغريباً، إنه يُشعر القاتلين المنتقمين بالذنب أكثر. ولكنّ صاحب الملاح الشرسة، يوحى بأنّه يستحقّ العقاب، وهو "خروف" مناسب لتنفيذ الثأر.

لم أكن أعرف هل أنا من الخراف الوديع أم الشرسة، ولكني كنت داخل الحلم أتذكر ما حصل في الخلم السابق، وهذا تفصيل جديد وتطوّر هامّ، وما هو أهمّ أنني صرت أعرف أنني إذا متّ هنا فإنني لن أموت في الحقيقة. لذا وما أن دخلت العصابة المحترفة علينا إلى غرفة الحجز، حتى ضربت الشخص المتقدمّ منهم بكلمة قوية أفقدته توازنه واستطعت بعدها بسرعة أن أسحب سلاحه منه. قتلت إثنين منهم قبل أن يزخوني بوابل من الرصاص من رأسي وحتى قدمي، وحرمت نفسي بذلك من متابعة بقية القصة، وما حصل لبقية الشباب المخطوفين..

في الليلة الأخيرة التي سبقت موعد عودتي إلى بغداد، حدث تطوّر آخر أكثر إثارة. كنت في سيناريو مشابه لما جرى في الأحلام السابقة، ولكنني هنا جندّي مختطف مع جنود آخرين، يحيطنا الإرهابيون من كلّ اتجاه، ويحرّضوننا بصياحهم وشتائمهم على التقدّم. دخلنا إلى ما يشبه القصر أو البيت الكبير، ولم يبد أنهم يريدون ضيافتنا أو تقديم الطعام لنا. خرجنا من باب يطلّ على حديقة واسعة خلف القصر، وبقيت الأوامر أن نسير ولا نتوقّف، حتى عبرنا سياج الحديقة وصرنا أمام مشرعة نهر صغير. هناك تقدّمت مجموعة منا وصارت على حافة النهر تماماً. جعلوا الشباب يبركون على الأرض، ثم تقدم مسلّح ملثم وصار يطلق النار على رؤوسهم من الخلف تباعاً مع صيحة "الله أكبر" فيسقطون إلى النهر. كان الرعب يستولي على الجميع إلا أنا، كنت أنظر حولي، وأراقب خيارات الهروب المحتملة. كنت خلال الطريق كلّ أحاول إرخاء وثاقي، ونجحت في فتحه، ولكني أبقيت يديّ إلى الخلف لأوهم العصابة الإرهابية بأنني ما زلت موثقاً. دفعني أحد المسلحين كي أتقدّم، وما أن هبطت إلى حافة النهر حتّى استدرت



بسرعة واختطفت سلاح الكلاشينكوف من يده. بقيت أطلق النيران باتجاهات متعددة، وربما قتلت من جماعتي المخطوفة دون قصد، ولكنني بكل تأكيد قتلت عدداً من المسلحين وأجبرت بعضهم على التراجع والتمترس بالحيطان وخلف الأشجار. لم أتوقف عن إطلاق النيران وأنا أركض لاحتملي خلف سياج الحديقة الخارجي المواجه للنهر، ثم بقيت أركض، ولدي شعور بأنه هروب لا معنى له، فالمسلحون يسيطرون على كامل المنطقة، وبإمكانهم أن يطاردوني ويطلقوا النيران عليّ مرة بعد أخرى حتى أسقط قتيلاً، ولكنني لم أهتم بهذا التفصيل، قدر إهتمامي بتنفيذ أطول عملية هروب ممكنة، مع التسليم بخاتمة الموت على أية حال.

بقيت أركض وأطلق المسلحون النيران عليّ من بعيد، ولكنهم لم يتقدموا. كانوا مشغولين بالمجموعة الكبيرة من المختطفين، ويريدون التركيز عليهم وإنهاء مهمة قتلهم بوقتٍ وجيز. ظلّ اثنان منهم يطاردانني. رميت باتجاههم بشكل عشوائي وقتلت أحدهم، وبقيت أركض، إلا أنّ صديقي الكردي أيقظني من النوم وأخرجني بقسوة من خضمّ الخُم المليء بالانفعالات. لم أمت. وهذا يحدث لأول مرة منذ بداية هذه المحنة. وحين أيقنت بأنني لن أعود إلى النوم مجدداً، شعرت بزهو ودقة كبيرة من المشاعر الإيجابية تغزوني بالكامل، ورغبت أن أتصل بزوجتي على الهاتف، ولكنني وقّرت الأخبار الجيدة للقائي المباشر معها.

حين عدت إلى بغداد أخبرت زوجتي بالحدث الهامّ. ظنّنت تنصت متحمّسة لتفاصيل القصة التي تشبه ما يجري في الأفلام، ثم علّقت بأنّ هروبي كان شبه مستحيل، وفي الواقع لا تجري الأمور عادة بهذه الطريقة. - ماكنة الخُم تساهلت معك هذه المرة.. أرادت إعطائك مكافأة، وإلا فإنّ هذه العصابة سيطاردك أتباعها حتى لو وصلت بالركض إلى بغداد.

-4-

نعمت بعدة ليالٍ هائلة بدون أحلام ولا مطاردات أو عصابات، ثم هجم عليّ خُم جديد. كنت مع عائلة تبدو وكأنّها عائلتي، نحمل أغراضنا المنزلية على ظهر سيارة صغيرة، وكانت هناك عجوز تبكي، لم أعرف علاقتها بي بالضبط، وفهمت أنّنا مهجّرون، ثم جاءت مجموعة من المسلحين تراقبنا من بعيد، وكأنّها تريد التأكد من استجابتنا للتهديد ومغادرة المنطقة السكنية التي نقيم فيها. كان هناك شابٌ صغير معي، ربما هو أخي في الخُم، يحمل تحت حزامه مسدساً، فاستوقفته وسألته لماذا لا يستخدمه، فردّ عليّ بأنّه لو فعل ذلك فسيقتلون العائلة كلّها.

استلّمت السلاح من حزامه وركضت باتجاه المجموعة المسلحة وصرت أرمي باتجاههم. قتلت أحدهم ولاذ البقية بالفرار. عدت إلى عائلتي الخُلمية، وطلبت منهم إعادة الأغراض إلى البيت، وطلبت من أخي الخُلمي أن يذهب من فوره إلى الجهة التي أخذ منها هذا المسدس لتدبير أسلحة أخرى.

كان أطول حلم مرّ عليّ، مليئاً بالتفاصيل، وانتهى بأن تحوّل جدار البيت الخارجي إلى مصدّ لنيران عصابة مهاجمة، وأنا مع أخي المفترض ورجلين آخرين نقاتل لحماية أنفسنا والعائلة في البيت. قتلوا أخي في البداية وأحد الرجلين الغربيين اللذين تضامنا معنا، ثم لم أنتبه لنفسي وصرت مكشوفة لبضعة ثوانٍ كانت كافية لتسديد إطلاقه بندقية إلى رأسي.

في خُم الليلة اللاحقة، كان أخي الافتراضي معي وعدة رجال آخرين، ونحن نطارد العصابة المسلحة بين الأزقة والشوارع. كان أحدها يحمل قاذفة استطاعت تهديم حائط مع باب خارجي بفردتين كبيرتين، تسهلاً لدخولنا وتصفية العصابة المسلحة التي احتمت بهذا البيت.

كنت أروي كلّ ما يحدث لي داخل الخُم لزوجتي وانتظر منها تعليقات محدّدة، فأنا لا أفهم تماماً ما يحصل، وانتظر من زوجتي أن تفسّر لي. وفي هذه المرحلة قالت زوجتي؛ إنّ "المادة" الخُلمية تتغيّر باتجاه إيجابي، وهذا يعني أنّ سمومها قاربت على النفاد.

في الأحلام اللاحقة كنت أقتل أحياناً، وفي أحيان أخرى أنجّ في الفرار، ولكن أهمّ الأحلام هي تلك التي أقوم بها، لا بالفرار من القتل وإمّا مواجهتهم والاقتصاص منهم والبقاء حياً حتى نهاية الخُم. ولكنني كنت أعرف بأنّ هذه النتيجة الإيجابية كانت مرهونة دائماً بالظروف التي أجد نفسي فيها داخل الخُم. فرغم أنّه حلم إلا أنّ قواعد العالم الواقعي تنطبق عليه في كثير من الأحيان. وهذا هو الأمر المثير، وهو سبب المشكلة التي عشت فيها أصلاً.

مضت ثلاثة أسابيع وأنا على هذه الحالة. عدت إلى عملي في الجريدة، واستعدت إيقاع حياتي الطبيعية. صرت أحلم

بقصص جديدة، ولكنّي توقّفت عن سرد أحلامي لزوجتي. لم يعد الأمر مهماً، وهي استشعرت أنّني تجاوزت المحنة التي كنت فيها. صرت إنساناً عادياً يواجه متاعب الحياة المعتادة، كما أيّ إنسان آخر، مع أحلام وكوابيس يبدو بعضها مزعجاً، ولكنها مجرد أحلام وكوابيس ليس إلا. ثمّ مرت أسابيع أخرى كانت الأحلام فيها تجري على وتيرة شبه ثابتة، فأنا أقود مجموعة مسلحة للاقتصاص من القتلة والمجرمين. أقتلهم قبل أن يوجّهوا بنادقهم باتجاهي لقتلي أو قتل أبرياء آخرين. وينتهي الحلم من دون أن أصاب بخدش واحد.

كئاً، أنا وشباب صرت أعرف وجوههم جيداً، حتى لو وضعوا اللثام، نستيقّ الحوادث قبل وقوعها تتسوّر أسيرة عالية، ونكسر أقفال الأبواب لنباغت الإرهابيين وهم في أوقات راحتهم، ومنعهم برصاصنا الذي ينزل مثل مطر على رؤوسهم من القيام بأيّة أعمال إجرامية لاحقة.

-5-

كنت مع المجموعة المسلحة الصغيرة التابعة لي والمكوّنة من خمسة أفراد، نقود سيارتي دفع رباعي في ليل بغداد. كان الطقس بارداً، والنوافذ مغلقة. لقد قطعنا نصف شوارع بغداد في الطريق إلى هدفنا. كنّا أجلس بجوار السائق وأستمّر بتوضيح فكرتي عن كون الرصاصة التي تقتل إنساناً في الشارع يسبقها بكلّ تأكيد نوايا قتل، وأنّ الذي يغذي نوايا القتل هو شريك بالرصاصة التي تقتل. لذلك فإنّ قائمة المجرمين تغدو كبيرة، وعلينا قتل نوايا القتل قبل أن نواجه الرصاصة بالرصاصة. كنت أنا نفسي موجوداً داخل الحلم بوعبي ذاته، وكنت قادراً على إدارة دفة الحلم بالاتّجاه الذي أرغبه، وكأني أنا من يصنع هذا الحلم ويعيشه، أو أنني أتوهم ذلك وأحاول تصديقه.

دخلنا بالسيارتين إلى شارع فرعي، ثم توقّفنا أمام بناية أنيقة. كان الباب الخارجي مفتوحاً. وضعنا اللثام على وجوهنا ثم دخلنا بسرعة. كانت قاعة مليئة بالحواسيب وحالما شاهدنا الشباب الذين كانوا فيها حتى وقفوا على أرجلهم، وأصيبوا بصدمة جعلتهم يتجمّدون في أماكنهم، فهذا تأثير مرأى السلاح مشهوراً في الهواء.

كانوا سبعة شباب كتنّاهم سريعاً، ثم دفعناهم للخروج. وحين أدخلناهم عنوة إلى السيارتين إنتبهت أنّ أحدهم هو عاملٌ بنغالي. لم يعد هناك مجال للتراجع، أو أنني لم أهتم لهذا التفصيل، ولم أرغب بالتفكير به. كان وقتنا ضيقاً.

أغلّقنا الأبواب في السيارتين، ثم تحركنا، وقبل أن تستدير السيارة التي كنّا فيها من رأس الشارع الفرعي باتجاه الشارع العام، شاهدت شاباً واقفاً وعلى وجهه علامات الدهشة والرعب. يمسك سيجارة في يده المرفوعة إلى شفّتيه، بينما علبة السجائر في يده الأخرى. تأملت وجهه ونحن نتقدّم لنمرّ بجواره فتأصّحت ملامحه داخل العتمة التي تكسرّها أشرطة الضوء القادمة من فناء البيوت المجاورة.

عرفت الوجه سريعاً، ورغبت لحظتها أن أصحو. صرخت وأنا في السيارة منادياً باسم زوجتي طلبت أن أصحو. ناديت "السرّ الخفي" كي يتدخّل. كنت متيقناً قبل هذا الوقت بأنّ سمّ الأحلام قارب على النفاد من رأسي، ولكنّي في هذه اللحظة أحسست بوهم كلّ قناعاتي. وأنني سأبقى أسير هذا العذاب، حتّى ساعة موتي الفعلي.

اختفى وجه الشاب الذي داهمه الرعب من منظرنا، ونحن ندخل بالسيارتين إلى الشارع العام، ولكن ملامحه لم تغادرني أبداً، فهي ملامحي أنا.

قتلنا المختطفين السبعة برصاصات خلف الرأس، وألقيناهم في منزل جاف، ثم عدنا متفرّقين كلّ إلى بيته. لكنّي لم أصح، ولم أذهب إلى البيت!

بقيت أتجول في الشوارع بسيارة الدفع الرباعي، منتظراً حدوث شيء ما يؤذن بنهاية الحلم وعودتي إلى فراشي، ولكنّ هذا لم يحدث، صرخت، صحت. لم ينفع أيّ شيء. أوقفت سيارتي بجوار مطعم قريب من المسرح الوطني. كان الوقت متأخراً ولكن المطعم مفتوح. نزلت وبقيت جالسا على طاولة خارجية وأنا أفكر بشغل نفسي بعشاء متأخّر. قلعل "السرّ الخفي" يعطف عليّ ويرق قلبه تجاه حالتي الغريبة، وينهي هذه العقوبة غير المبرّرة. بقيت أكل من المقبلات التي وضعها عامل الخدمة أمامي. وأراقب تدافع الدقائق وكأنّها تأكل نفسها ولا يتقدّم الوقت في هذه الليلة التي لن تنتهي أبداً.

-6-

في اليوم التالي أصدر الحزب الذي يشرف على إصدار جريدتنا بياناً غاضباً، وتوعد بالثأر للصحفيين الذين قتلوا، وأن نراعه المسلح قادر على الانتقام من الإرهابيين في الوقت الذي يراه مناسباً، محذراً من تكرار الاعتداء على مكاتب الحزب. وانتهى البيان من دون ذكر للعامل البنغالي المسكين الذي راح ضحية معركة لا تخصه بأي شكل من الأشكال.

صحوت عند الثانية بعد الظهر وأنا أبكي في سريري. لقد ذهب أصدقائي إلى غير رجعة، ولن أستطيع استعادتهم أبداً. كنت ليلتها أريد إرسال العامل البنغالي لجلب علبة سجائر، ولكنني رأفت بحاله، فهو يقف على رجليه من الصباح وحتى هذه الساعة المتأخرة يعمل مثل العبد المطيع دون تذمر أو شكوى، وكل ذلك لقاء مرتب زهيد، يرسل أغلبه إلى عائلته في دكا. لذلك نهضت وذهبت بنفسني لشراء السجائر.

في نهاية الأسبوع عثرت قوة من الشرطة المحلية على الجثث في منزل متروك في أرض زراعية جرداء عند أطراف بغداد. وحينما شاهدت الصور الأولية لركوعهم بشكل متتابع داخل المنزل، انهدم شيء ما في داخلي، وبدأت رحلتي مع الكوابيس الثقيلة. قررت وقتها الانتقام لهم، لكن زوجتي تخبرني دائماً أن هذه مهمة غير مناسبة لي. وعلي أن أترك كل شيء لله، فهو القاهر المنتقم الجبار.

دخلت إلى حمامات المطعم بعد انتهاء عشائي المتأخر، ولم يكن تداخل اللحم مع الواقع قد انتهى بعد. وقف أمام امرأة الحمام وبقيت أنظر إلى وجهي المرهق. خطر شيء ما في ذهني، فرفعت غترتي الحمراء من كتفي ولففت وجهي بها، وتركت عيني ظاهرتين فحسب. نظرت إلى هيايتي هذه في امرأة الحمام، وكأني أريد رؤية نفسي في إطار المهمة غير المناسبة كما تقول زوجتي.

كنت أنظر إلى المرأة ولكني لا أرى غير نفسي التي رأيته هناك، واقفة في ليل الشارع. عارية الوجه إلا من رعب لا حدود له.

تقابل الوجهان الملثم والمكشوف، واخترقت النظرات المتبادلة على برهة ثانييتين لا أكثر حاجزاً ما وكسرتة، وتعانقت وكأنها مصافحة أبدية، بحيث لم أعرف حتى الساعة بصوت من أتحدث لكم الآن في هذه الحكاية. ومتى ينتهي هذا اللحم الرهيب لأصحو فعلاً.

## REFERÊNCIAS

AL-SHAMALI, Farah. "The City of Baghdad in Iraqi Fiction: Novelistic Depictions of a Spatiality of Ruin". *Middle East Research Journal of Linguistics and Literature*, v. 3 (2023): 12-24. DOI: 10.36348/merjll.2023.v03i02.002.

ALVES, Jemima de Souza. *Por uma anatomia de um corpus sob ocupação: a literatura iraquiana nas vozes de Sinan Antoon e Ahmed Saawadi*, 2023. Tese (Doutorado em Letras Modernas e Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. DOI: 10.11606/T.8.2023.tde-01032024-115850. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003200208>. Acesso em: 26/12/2024.

ARRIGUCCI JR., Davi. "Minas, assombros e anedotas (os contos fantásticos de Murilo Rubião)". In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 131-152

HAMMAD, Sousan. "'No One Remembers': A Conversation with Ahmad Saadawi". Entrevista concedida a Sousan Hammad. *Beirute 39*. 39 *Writers under 39*. Disponível em: <http://beirut39.blogspot.com/2010/03/no-one-remembers-conversation-with.html>. Acesso em: 26/12/2024.

## ■ traduções e perspectivas literárias

HANKIR, Zahra. “Ahmed Saadawi wants to tell a new story about the war in Iraq. The job of the writer is to give a voice to unknown people”. Disponível em: <https://lithub.com/ahmed-saadawi-wants-to-tell-a-new-story-about-the-war-in-iraq/>. Acesso em: 26/12/2024.

SAADAWI, Ahmed. *Alwajh alari dakh alhulm*. Beirute: Dar Alrafidain, 2018.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)  
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>